

RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO
(ORGANIZADORA)



RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO
(ORGANIZADORA)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Emely Guarez
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Solange Aparecida de Souza Monteiro

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

M775r Monteiro, Solange Aparecida de Souza.
Relações de gênero e as subjetividades em contextos culturais 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-451-1
DOI 10.22533/at.ed.511203009

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I.Monteiro, Solange Aparecida de Souza..

CDD 306.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

SE UM DIA AS MULHERES ENFURECESSEM

Adriana Novais

Em fúria não permitiriam que a televisão pautasse sua beleza.

Em fúria faliriam todas as clínicas de estéticas.

Jamais transariam sem vontade.

Se um dia as mulheres se enfurecessem não aceitariam que o Estado regesse seu corpo.

Em fúria decidiriam se queriam ou não, ter filhos.

Em fúria não usariam roupas desconfortáveis em nome da aparência.

Em fúria usariam apenas a que lhes dessem vontade.

Em fúria não permitiriam que a outra apanhasse.

Em fúria revidariam os tapas na cara, os chutes e os ponta pés.

Em fúria não seria escrava em sua própria casa.

Se um dia as mulheres se enfurecessem, calariam a boca dos padres e dos pastores que pregam o dever da sua submissão.

Em fúria denunciariam todos os abusos cometidos nas igrejas, no trabalho, nas delegacias, nos hospitais e aqueles cometidos dentro das suas casas.

Em fúria, ensinariam as filhas a se defenderem e os filhos a não estuprarem.

Ah! Se um dia as mulheres se enfurecessem, escrachariam todos os companheiros de luta, dos partidos e movimentos, colocariam a nu seu machismo disfarçado no discurso revolucionário.

Em fúria, ocupariam os jornais, as redes de televisão contra a misoginia e o racismo.

Um dia, irmanadas numa grande fúria, todas elas, de todos os lugares, de todas as etnias, esmagariam todas as correntes da sua opressão.

Esmagariam o Estado, a Igreja e a Propriedade

As práticas sexistas podem decidir o que pertence ao mundo masculino e ao feminino, reguladas em estereótipos culturais arraigados desde a idade medieval como um padrão heteronormativo que deve ser seguido pela sociedade, se alguém desviar-se do prescrito será estigmatizado dentro do seu meio. Conforme os relatos de estudiosos nesse e-book, essas práticas são reforçadas na instituição escolar através da diferenciação que alguns docentes fazem do menino e da menina, na formação das filas, dos crachás e até mesmo nas escolhas dos brinquedos. Assim quando as crianças escolhem brinquedos que não são recomendados para o seu gênero conforme o padrão heteronormativo elas são repreendidas na família, na escola e na sociedade

Finco (2003) aponta

[...] relacionar gênero e infância permite que possamos enxergar as múltiplas formas de ser menino e de ser menina que as categorizações não nos deixam ver. Nesse sentido, proporcionaremos a esses meninos e meninas a possibilidade de serem eles mesmos e percorrerem novos caminhos vivenciando a infância na sua inteireza sem a interferência de ninguém padronizando um perfil como certo ou errado (FINCO, 2003).

Para Louro (2000), desconstruir essa forma de pensar desmistifica esses dois planos homem e mulher, retira-se esse pensamento de como se fossem dois polos diferentes e não pudessem ocorrer as interações entre eles. Essa proposta da desconstrução das dicotomias busca enfatizar estes dois polos não existem, ocorre uma pluralidade e, através dessas dicotomias pode ser um dos primeiros passos para um questionamento das relações de gênero levando ao fim do sexismo. Para a autora, existe uma lógica dualista que rege as polaridades, desmontando não apenas a ideia de que cada um dos polos masculino e feminino está presente um no outro, mas também que as oposições foram e são historicamente construídas. Esse processo de desconstrução não ocorre de maneira simples, mas ao longo prazo através de uma reflexão sobre as formas como as crianças se relacionam diante das diferenças de gênero na infância. É de extrema necessidade desconstruir a lógica binária na apresentação do mundo para as crianças: enquanto brinquedos e brincadeiras assumirem papéis de masculino ou feminino na escola estaremos fadados ao insucesso. Apesar de todas essas situações apresentadas estarem implícitas no dia a dia da escola e nas práticas pedagógicas de alguns docentes, a temática

ainda é muito restrita, geradora de medo, desconhecimento e pouco científico. Deve-se sair do senso comum, do conservadorismo, do obscurantismo, sobrepondo-se a vigilância epistêmica, no agir de forma questionadora, enfrentando o que nos causa tanto receio e que nos destina a fortalecer recrudescimento, desfazendo mitos e tabus no sentido de disponibilizar um material de qualidade com temáticas que toquem aqueles que diariamente compõem e constroem o fazer pedagógico para emancipar por meio da educação e das meninas e dos meninos pode ser uma forma de florescer dentro dos muros das escolas.

Uma excelente leitura para todas e todos!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

MUJERES Y EDUCACIÓN: UNA HISTORIA EN LA PROVINCIA MEXICANA A MEDIADOS DEL SIGLO XX

Cirila Cervera Delgado

Mireya Martí Reyes

Esteffany Muñiz Paz

DOI 10.22533/at.ed.5112030091

CAPÍTULO 2..... 12

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER EM TEMPOS DE PANDEMIA GERADA PELO NOVO CORONAVÍRUS: UMA REFLEXÃO ACERCA DA ATUAÇÃO DO ESTADO E O PAPEL DO DIREITO

Andressa Santos de Almeida

Tercília Júlia Oliveira Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.5112030092

CAPÍTULO 3..... 24

DIÁLOGOS ENTRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA IDENTIFICAÇÃO FEMININA, DA DICOTOMIA À FRAGMENTAÇÃO

Rafaela Sepulveda Aleixo Lima

Laís Teixeira Lima

DOI 10.22533/at.ed.5112030093

CAPÍTULO 4..... 36

A CULTURA MASCULINIZADA DO AUTOMÓVEL E A FORMAÇÃO DO MOTORISTA BRASILEIRO

Carla Rezende Gomes

DOI 10.22533/at.ed.5112030094

CAPÍTULO 5..... 56

A GAROTA PIN-UP: OBJETIFICAÇÃO E SEXUALIZAÇÃO DA MULHER NA CONTEMPORANEIDADE

Ana Paula Oliveira Barros

DOI 10.22533/at.ed.5112030095

CAPÍTULO 6..... 62

DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NA PERSPECTIVA DA DIFERENÇA SEXUAL

Rogério Goulart da Silva

DOI 10.22533/at.ed.5112030096

CAPÍTULO 7..... 73

MEDICALIZAÇÃO E GÊNERO: BREVES REFLEXÕES SOBRE A CIÊNCIA E AS PRÁTICAS DE SAÚDE DA MULHER

Júlia Gonçalves Barreto Baptista

Thais Maria Nogueira da Gama

Paula Land Curi

DOI 10.22533/at.ed.5112030097

CAPÍTULO 8..... 84

ESTUDO DISCURSIVO SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Carlos Roberto Bezerra Costa

DOI 10.22533/at.ed.5112030098

CAPÍTULO 9..... 96

UMA VOZ FEMININA E DISSONANTE NA EDUCAÇÃO DO TERRITÓRIO FEDERAL DO ACRE 1946 -1950: MARIA ANGÉLICA DE CASTRO

Cleyde Oliveira de Castro

Murilena Pinheiro de Almeida

Maria de Lourdes Esteves Bezerra

Maria Evanilde Barbosa Sobrinho

Emerson Marques Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.5112030099

CAPÍTULO 10..... 110

VIOLÊNCIA CONTRA MULHER: O CASO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU

Jascira da Silva Lima

DOI 10.22533/at.ed.51120300910

CAPÍTULO 11 118

ASSÉDIO MORAL NO TRABALHO: OS REFLEXOS DO PATRIARCADO NAS RELAÇÕES LABORAIS FEMININAS

Leticia dos Santos Sousa

DOI 10.22533/at.ed.51120300911

CAPÍTULO 12..... 123

GERENCIALISMO NEOLIBERAL E POLÍTICAS PÚBLICAS PARA MULHERES

Paula da Luz Galvão

DOI 10.22533/at.ed.51120300912

CAPÍTULO 13..... 134

PERCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE ACERCA DO FENÔMENO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: REVISÃO INTEGRATIVA

Bruna Heintze Ferreira

Franciéle Marabotti Costa Leite

Letícia Peisino Buleriano

Rita de Cássia Duarte Lima

DOI 10.22533/at.ed.51120300913

CAPÍTULO 14..... 155

PERFORMANCE DE GÊNERO: HETEROTOPIAS INVENTIVAS NA EDUCAÇÃO

Caroline do Socorro Freitas Maciel

José Valdinei Albuquerque Miranda

DOI 10.22533/at.ed.51120300914

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 15 | 165 |
| A FORÇA SIMBÓLICA DAS POLÍTICAS DE COTAS DE GÊNERO NO BRASIL | |
| Pollyane Cunha Ferreira | |
| Rita de Cássia Alanna Pereira Ribeiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.51120300915 | |
| CAPÍTULO 16 | 187 |
| A INSERÇÃO DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NOS DOCUMENTOS OFICIAIS DA EDUCAÇÃO PARA AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO MARANHÃO | |
| Rosylene Conceição Soares Cutrim | |
| Sirlene Mota Pinheiro da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.51120300916 | |
| CAPÍTULO 17 | 201 |
| PRESENÇA DAS MULHERES NOS SINDICATOS DOCENTES NO BRASIL | |
| Adenilde de Souza Dantas | |
| Maria Helena Santana Cruz | |
| DOI 10.22533/at.ed.51120300917 | |
| CAPÍTULO 18 | 214 |
| SOBRE ESPAÇOS DE TEORIZAÇÃO FEMINISTA E SUAS OPRESSÕES | |
| Jacqueline Mary Soares de Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.51120300918 | |
| CAPÍTULO 19 | 224 |
| AS LACUNAS DE GÊNERO NA DOCÊNCIA DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS | |
| Glauce Margarida da Hora Medeiros | |
| Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão | |
| DOI 10.22533/at.ed.51120300919 | |
| CAPÍTULO 20 | 242 |
| REDES DE SOCIABILIDADE, RELAÇÕES DE GÊNERO E EMPODERAMENTO DO FUTEBOL FEMININO | |
| Reinaldo Eduardo da Silva Sales | |
| Mayara Mendes Leal | |
| Helen Batista da Silva | |
| Ítalo Fabiano Corrêa Silva | |
| Paulo Henrique Garcia da Silva | |
| Thiago Roniere do Rosário Matos | |
| DOI 10.22533/at.ed.51120300920 | |
| CAPÍTULO 21 | 253 |
| INTERVENÇÃO EDUCATIVA PARA MELHORIA DE CONHECIMENTO SOBRE IST/HIV/ AIDS ENTRE ADOLESCENTES E JOVENS | |
| Karoline Pontes Cavalcante Manguinho | |
| Priscila de Vasconcelos Monteiro | |

Maria Lúcia Duarte Pereira
Monalisa Rodrigues da Cruz
Catarina Laborê Vidal Fernandes
Alana Kelly Áfio Caetano
Bruna Karine Amorim da Costa
Rita Maria Silva Almeida
Rayssa Veras Camelo
Rita de Cássia Gadelha da Silva
Rachel Cabral Mota
Laryssa Sá Machado

DOI 10.22533/at.ed.51120300921

CAPÍTULO 22.....259

GÊNERO, SEXUALIDADE E SUBJETIVIDADE: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Solange Aparecida de Souza Monteiro
Melissa Camilo
Débora Cristina Machado Cornélio
Débora Fernandez Antonon Silvestre
Marilurdes Cruz Borges
Jeize Loici Back
Monique Delgado de Faria
Fabrício Augusto Correia da Silva

DOI 10.22533/at.ed.51120300922

SOBRE A ORGANIZADORA.....277

ÍNDICE REMISSIVO.....278

CAPÍTULO 20

REDES DE SOCIABILIDADE, RELAÇÕES DE GÊNERO E EMPODERAMENTO DO FUTEBOL FEMININO

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 22/02/2020

Reinaldo Eduardo da Silva Sales

Instituto Federal do Pará,
Castanhal - PA.

<http://lattes.cnpq.br/5504809611081936>

Mayara Mendes Leal

Instituto Federal do Pará,
Castanhal - PA.

<http://lattes.cnpq.br/3240352563038783>

Helen Batista da Silva

Instituto Federal do Pará,
Castanhal - PA.

<http://lattes.cnpq.br/9338478899764915>

Ítalo Fabiano Corrêa Silva

Instituto Federal do Pará,
Castanhal - PA.

<http://lattes.cnpq.br/2127762270871598>

Paulo Henrique Garcia da Silva

Instituto Federal do Pará,
Castanhal - PA.

<http://lattes.cnpq.br/0615599336515419>

Thiago Roniere do Rosário Matos

Instituto Federal do Pará,
Castanhal - PA.

RESUMO: O artigo apresenta os resultados de um estudo sobre sociabilidade, relações de gênero e diferentes papéis exercidos pelas mulheres da agrovila de Trindade, em Santa Izabel, no Pará. O ponto de partida foi o futebol feminino, prática que

reafirma suas condições sociais e as empodera. O estudo ocorreu com 8 mulheres que preferiram ficar no anonimato e, através de uma roda de conversa com um roteiro de entrevista aplicado, demonstrou que as mulheres utilizam o futebol como forma de sociabilidade coletiva, processo que influencia diretamente na permanência do futebol na comunidade. As relações de gênero relegam às mulheres papéis sociais subalternos e inferiores e, para superá-los, utilizam do futebol para melhorar sua autoestima, para realização pessoal e empoderar-se socialmente.

PALAVRAS-CHAVE: Relações de gênero, futebol feminino, empoderamento, mulheres.

SOCIABILITY NETWORKS, GENDER RELATIONSHIPS AND WOMEN'S SOCCER EMPOWERMENT

ABSTRACT: The article presents results of the study about sociability, gender relations and different roles exercised by women from Trindade village, Santa Isabel, Pará. The starting point was women's soccer, practice that reaffirms their social conditions and empowers them. The study occurred with 8 women who wished to remain anonymous and, through conversation round and with an applied interview script, it demonstrated that women use football as a form of collective sociability, process that directly influences the permanence of soccer in the community. The gender relations relegate to women subordinate and inferior social roles to overcome them and, they use soccer to improve their self-esteem for professional fulfillment and empowering themselves socially.

KEYWORDS: Gender relations, women's soccer, empowerment, women.

1 | REFLEXÕES INICIAIS

Ao longo da história a presença das mulheres nos esportes envolveu dificuldades e superações. Por muito tempo a maior parte dos esportes ficou restrita aos homens, seja por interdição cultural ou por proibição legal. As diferentes modalidades esportivas, quando eram praticadas por mulheres, tinham por objetivo à conservação das formas corporais em conformidade com normatividade de gênero, a suavidade dos gestos e o condicionamento físico para à manutenção e à promoção da saúde das futuras mães, tais como ginástica, dança e natação (FRANZINI, 2005). Dessa forma, a mulher praticava esporte para cuidar do físico, nunca para competir ou como *métier*, de forma séria e comprometida.

Neste contexto, o futebol, como muitos outros esportes, era visto como coisa de “homem”, como um elemento que demarcasse os papéis masculinos sobre os femininos, portanto, não cabia às mulheres praticá-lo. Às que desafiassem transgredir essa norma teriam sua sexualidade questionada e, automaticamente, um grande julgamento social. E, quando o futebol feminino era praticado em espaços rurais, como é caso desta pesquisa, surgiam novos problemas e os já existentes se acentuavam.

Assim, ao longo do tempo, as mulheres tiveram que derrubar barreiras. Fato este comprovado com a investigação do grupo de mulheres da comunidade de Trindade, no estado do Pará, que formam o time de futebol amador “As Guerreiras”. Verificou-se *in loco* que a prática do futebol feminino é utilizado por elas para integração social, melhorar sua autoestima, empoderamento e realização pessoal e perpetuação da atividade, pois estimulam seus filhos e filhas a “jogar bola”.

O interesse pelo tema surgiu da tentativa de aproximar as questões de gênero ao curso técnico de agropecuária, oferecido pelo Instituto Federal do Pará (IFPA), *Campus Castanhal*, uma vez que são poucos os estudos da área da agropecuária que versam sobre as relações de gênero-papéis femininos e menos ainda os que discutem relação do futebol feminino na comunidade como elemento socializador.

Assim, com o presente estudo visou-se compreender as formas de sociabilidade, as relações de gênero, os diferentes papéis sociais exercidos e o empoderamento dessas mulheres a partir do futebol feminino.

2 | A RELAÇÃO DO FUTEBOL FEMININO COM O LÚDICO E A SOCIABILIDADE RURAL

Historicamente, a maior parte dos esportes ficou restrita ao gênero masculino seja por questões culturais ou por proibição legal. No entanto, relatos históricos como os de Franzini (2005) comprovam a participação feminina como protagonista, ainda que as modalidades esportivas fossem indicadas somente para os homens, uma vez que às mulheres cabiam apenas os afazeres de casa.

Segundo Martins e Moraes (2007), quando o recorte esportivo é o futebol, as mulheres por muitos anos sofreram com a discriminação de gênero. Às praticantes além de não ter o mesmo investimento que os homens, ainda têm sua sexualidade questionada. Falta ainda à prática do futebol feminino visibilidade midiática, incentivo financeiro e apoio familiar.

Para Stahlberg (2013), o futebol é um espaço sexista, marcado pela masculinidade e heterossexualidade. Isto se justifica pela maneira como se constituiu a prática do jogo, caracterizada por uma performance bastante definida e voltada para aquilo que seria inerente a uma condição do que se entende idealmente como ser homem. Neste cenário, o próprio padrão definido para a prática do futebol, induz a ideia equivocada de que ele seria um esporte pouco adequado e desejável ao corpo feminino.

De acordo com Salvini e Marchi Júnior (2016, p. 303), a discriminação no futebol é uma prática recorrente e que se acentua devido a aspectos como situação econômica e o gênero das/os praticantes. No entanto, outra noção que acompanha “as reflexões acerca do futebol feminino é a noção de resiliência, ou mesmo, de força de vontade para se manterem na prática mesmo com tantos fatores contrários”.

No contexto do futebol feminino no Brasil, ele começou a ser praticado oficialmente no Rio de Janeiro na década de 1980 (SALLES et al., 2015). Este processo foi influenciado pela Tv Bandeirantes com objetivo de “trazer aos telespectadores uma forma lúdica e mais barata de produzir conteúdo aos fins de semana” (SALVINI e MARCHI JÚNIOR, 2016, p. 5). Não só pelos baixos custos se comparado ao futebol masculino, mas também pelo lazer proporcionado, o futebol feminino criou uma rede de sociabilidade, sobretudo nos espaços rurais.

Segundo Bombardi (2004), as comunidades rurais utilizam o lúdico como forma de sociabilidade cujas características são diferentes das cidades quanto à organização e valores culturais, formados a partir do grupo de vizinhos, em que a prática mais utilizada para a construção das redes de sociabilidade é o futebol.

Para Bombardi (2004), a sociabilidade é um atributo para a vida em sociedade e a maneira de estar integrado. O seu conceito supõe ações onde as pessoas não têm outro fim, senão a de criar uma interação com os demais.

As formas de sociabilidade nas comunidades rurais ocorrem principalmente através de festas religiosas e de práticas futebolísticas, com música e comida para todo os participantes. Nestes encontros, ela se realiza tanto no âmbito geral quanto no caso específico das mulheres que praticam o futebol na comunidade de Trindade, alvo deste estudo.

Nestes espaços a sociabilidade assume uma forma lúdica de associação, no qual os envolvidos cooperam mutuamente e desenvolvem ações práticas em favor do grupo do qual fazem parte. E é no futebol que se constroem a maioria dessas redes de apoio. No caso da temática proposta para este estudo, o recorte foi o futebol feminino, cujas

relações de gênero e as dificuldades são mais acentuadas que o masculino. Desta forma, o propósito deste trabalho foi evidenciar as formas de sociabilidade, relações de gênero e diferentes papéis sociais exercidos pelas mulheres do time de futebol “As Guerreiras”.

3 | MATERIAIS E MÉTODOS

A coleta de dados ocorreu na comunidade de Trindade, situada a aproximadamente 35 km da zona urbana do município de Santa Isabel, estado do Pará. Os habitantes dessa comunidade sobrevivem a partir da pequena agricultura da mandioca, da venda de leguminosas e, sobretudo os homens, como trabalhadores de uma empresa de extração de madeira, localizada em uma comunidade vizinha.

A comunidade fica em área em que se entrecruzam os limites de três municípios paraenses: Castanhal, Santa Isabel e Inhangapi, daí o nome de “Trindade”. A religião predominante é o catolicismo, muito difundido em áreas rurais no interior do Brasil.

As relações sociais existentes fundamentam-se em laços de parentesco e compadrio. As festividades, em sua maioria, mesclam práticas religiosas (missas, casamentos, batismos, festa dos santos, entre outras) com atividades lúdicas, entre elas a música e o futebol, objeto deste estudo. O campo de futebol é uma extensão da igreja católica e do barracão de festas. Estes três elementos: catolicismo, futebol e música, são essenciais para a reprodução social da comunidade.

Os dados foram coletados com o time de futebol amador “As Guerreiras”. Esta equipe conta com 15 integrantes, porém por diversos fatores, no dia e horário marcado, somente 8 compareceram. Dentre as razões que as demais não puderam participar estão à proibição pelo seu cônjuge e a ausência nos dias da coleta dos dados. Durante as entrevistas ficamos sob os olhares intimidatórios de alguns homens que vez ou outra apareciam no espaço da conversa, certamente com o objetivo de verificar se estava “tudo certo”.

O instrumento para a coleta foi um roteiro de entrevista aplicado em uma roda de conversa, onde as mulheres ficaram à vontade para falar do assunto.

Os dados foram analisados sob o olhar qualitativo. As perguntas realizadas versavam sobre as formas de sociabilidade, relações de gênero, diferentes papéis sociais exercidos e empoderamento das mulheres a partir do futebol feminino.

O procedimento adotado foi uma visita inicial a comunidade para a identificação das participantes da pesquisa, na qual lhes foi assegurado o anonimato. Como garantia da ética, elas assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o de Cessão de Direito de Uso de Imagem e Voz. Uma vez definidas as entrevistadas, partiu-se para realização das rodas de conversa, cujo material coletado foi transcrito, analisado e compõe este artigo.

4 | REDES DE SOCIABILIDADE, RELAÇÕES DE GÊNERO E EMPODERAMENTO DO FUTEBOL FEMININO

A partir da pesquisa realizada e tendo como ponto de partida o futebol feminino na vila da Trindade, investigou-se sobre como ocorrem as relações de sociabilidade e de gênero das praticantes desta modalidade, que diferentes papéis sociais elas exercem e de que forma isso se reflete na vida delas.

4.1 Redes de sociabilidade a partir do futebol feminino

A sociabilidade é um processo social através do qual o indivíduo interage com outras pessoas a partir de alguns aspectos em comum. Portanto, é um conceito que está ligado à identidade e a cultura de cada grupo social.

Por isso, desenvolver a sociabilidade em um mundo onde as subjetividades são cada vez mais individualista não tem sido tarefa fácil. Os resultados da pesquisa demonstraram que o futebol feminino na comunidade de Trindade tem sido o elo de ligação entre as diferentes gerações. A partir dos relatos, notou-se que esta prática vem desde os anos 1990, onde “As Guerreiras” são a segunda geração de atletas, cujas relações sociais não começam no futebol, mas entre as famílias e vão desde a participação na igreja até os afazeres domésticos.

Em tempos de avanços tecnológicos, a sociabilidade, sobretudo no meio rural, enfrenta o desafio de se ressignificar a partir das novas mídias sociais, que criam novas “comunidades”, no ciberespaço. No entanto, em um espaço marcado pela tradição oral, a sociabilidade a partir do contato físico tem sido a forma encontrada pelas “Guerreiras” para criar uma rede de apoio mútuo, disseminar informação, promover encontros e estabelecer um senso de integração e identidade social.

De acordo com Salles et al. (2015), as redes de sociabilidade também influenciaram no processo de permanência do futebol na comunidade. A prática de ser sociável aplica-se nas relações entre as comunidades rurais e se constitui em um meio de comunicação e ajuda mútua.

No caso das “Guerreiras”, essas redes ocorrem interna e externamente. Internamente existem fortes laços entre elas, visto que na maioria dos casos são parentes. Desde a origem do time, a interação entre as jogadoras é basicamente familiar. Apesar de suas particularidades essa união tem se fortalecido.

Nas relações sociais quando a solidariedade se faz presente nos grupos, há a sociabilidade, que se desenvolve no momento em que há uma neutralização das diferenças entre os indivíduos, mesmo que seja temporária (BOMBARDI, 2004).

Neste contexto, desenvolvem-se entre elas relações de altruísmo garantindo a permanência do time. Em muitos casos, os laços extrapolam o campo de futebol, estendendo-se nas famílias, na igreja e nas decisões tomadas no cômputo da comunidade.

Dessa forma, a solidariedade na comunidade se efetiva através de ações como o futebol e a ajuda mútua entre as mulheres.

Já externamente, com as comunidades vizinhas, essas relações são divergentes, há entre elas algumas rivalidades, que não se limitam apenas ao futebol, mas vão desde desentendimentos pessoais até a concorrência econômica, o que torna ainda mais competitivas as disputas no futebol.

A pesquisa também percebeu que além das redes de sociabilidade, para a permanência do futebol na comunidade, estas mulheres utilizam outras estratégias como a iniciação das adolescentes no esporte e a formação de uma diretoria para o time.

Segundo uma informante “ainda crianças elas vão pegando o gosto pela coisa”, para posteriormente, ocupar o lugar que pertenceu a sua mãe, fato que demonstra que as meninas desde cedo são influenciadas a “tomarem gosto” pelo futebol. Em muitos casos, essa “passagem de bastão” não tem sido tranquila, porque boa parte dos maridos e/ou pais são contrários à prática do futebol feminino, o que produz maior dose de resiliência no grupo pesquisado.

Outra maneira utilizada para a permanência do time é a formação de uma diretoria pelas próprias atletas, fato que além de cuidar da administração exerce papel motivacional. A autogestão como princípio, é um importante elemento na afirmação e no empoderamento dessas mulheres.

De acordo com Salvini e Marchi Júnior (2016), a ausência de mulheres em cargos de liderança, não apenas no futebol, é reflexo de um contexto mais amplo da sociedade em que faltam mulheres em espaços decisórios. No entanto, os dados da pesquisa demonstraram que as mulheres ocupam cargos na diretoria do time para não só produzir decisões administrativas, mas principalmente como uma forma de autogoverno, empoderamento, paridade de gênero e atuação política e liberdade.

4.2 Relações de gênero e dificuldades para a prática do futebol feminino

As relações de gênero são construções sociais que refletem a forma como a sociedade ou grupo lida com as diferenças sexuais e de gênero. O papel do homem e da mulher é constituído culturalmente e muda conforme a sociedade e o tempo.

Na realidade em estudo, essas relações referem-se às formas desiguais de distribuição do poder entre homens e mulheres, produto de um contexto patriarcal mais abrangente. No meio rural, o futebol está presente no cotidiano da comunidade, mas ainda com predominância do gênero masculino. “As Guerreiras” vivenciam dificuldades para a prática do esporte, como falta de apoio no lar e rejeição sociocultural, como foi identificado nas entrevistas.

Tal processo se justifica em parte devido a concepção patriarcal dos homens sobre o futebol. As entrevistadas relataram que enfrentam preconceito por praticá-lo, uma vez que ele ainda é visto como uma exclusividade masculina, relegando-as às atividades do

lar. Muitos homens querem se sobrepor às mulheres, como se o futebol demarcasse a superioridade dos papéis sociais masculinos sobre os femininos como, por exemplo, a maioria dos companheiros não apoia a prática do esporte por elas e dificulta esse momento de encontro, criando situações que as atrasem para a partida e/ou que as façam faltar no jogo marcado.

Para Salvini e Marchi Junior (2016), o futebol, sobretudo no Brasil, é um espaço de dominação masculina e está imbuído de valores culturais que não incentivam as mulheres a praticarem esse esporte.

A forma como os corpos femininos são vistos no futebol feminino vão de um extremo a outro, seja pela masculinização, seja pela erotização. Quando o futebol é visto como “coisa de homem”, as jogadoras tem sua sexualidade questionada. Culturalmente, o preconceito recai sobre a forma de como se usa o corpo, e por extensão a sexualidade, da mulher futebolista. O que é imperioso neste contexto é a desconstrução desse estereótipo.

Por outro lado, quando o corpo feminino é erotizado cria-se um estereótipo da jogadora cujas curvas são mais valorizadas que o desempenho no campo.

Para Salvini e Marchi Junior (2016), o apelo à beleza das jogadoras e a erotização são sustentados ideologicamente pelo argumento de que, se elas forem atraentes, atrairão público aos estádios, mais expressividade midiática, aumento no consumo de produtos e serviços e, principalmente, atrairão patrocinadores, cuja ausência é apontada pela mídia esportiva como um dos grandes problemas do futebol feminino no país.

Sobre isso, um fato, que não merece ser comemorado, ainda que precise ser lembrado, foi que, em 2019, o Clube de Futebol brasileiro Goiás publicou em suas redes sociais uma peça publicitária, que ao apresentar seus novos uniformes utilizava jovens mulheres que sensualizavam com a camisa do clube. Esta postura gerou críticas e está na contramão do momento histórico em que as mulheres buscam mais respeito e espaço dentro do futebol.

A partir dos dados coletados perceberam-se que as relações sociais estabelecidas entre “As Guerreiras” ultrapassam o futebol e se estendem até a família, o lazer e a vida em comunidade. Assim, criam-se vínculos de apoio em diversos aspectos com cada uma das integrantes do time, como ajuda financeira e realização de eventos para provisão de recursos para a comunidade.

A pesquisa revelou também que alguns homens da comunidade não levam em consideração às limitações físicas, emocionais, sociais e familiares das mulheres. As mulheres relataram que tem dificuldade para praticar o futebol: rejeição sociocultural masculina, falta de espaço adequado, limitações físicas, preconceitos quanto sua sexualidade e falta de tempo devido os afazeres domésticos que realizam.

Segundo Stahlberg (2013), o futebol feminino sempre teve muitas dificuldades no Brasil. Chegou até a ser exibido em circos como atrações curiosas. Vários aspectos, como os já demonstrados pela pesquisa explicam a discriminação sobre esta prática: as meninas

desde cedo são tolhidas de praticarem-no. Aprendem que futebol é coisa de “homem” e que mulher fica em casa cuidando da família, opressão tem se repetido ao longo dos anos.

Aliás, as narrativas que foram ouvidas ao longo da pesquisa evidenciaram que entre os argumentos que os homens utilizam para impedi-las de praticar o futebol está o fato de eles “se preocupam com a integridade física de suas esposas”. Outros esperam que elas apresentem os mesmos resultados que os seus, não levando em consideração as condições físicas femininas.

Mas, todos esses são argumentos ideológicos e sexistas, que já deveriam ter sido superados a muito tempo. Não se pode considerar apenas o fator biológico como determinante do desempenho esportivo. Muitos gestos, formas de agir, gostos e habilidades são adquiridos através de relações de gênero que são estabelecidas e impactam diretamente em estereótipos desfavoráveis à elas.

Segundo Salvini e Marchi Júnior (2016),, argumentos e narrativas como as apresentadas pelos homens da comunidade, são comuns em uma sociedade patriarcal. Mas, as jogadoras se posicionam de forma contrária à eles sensibilizando a comunidade de que elas possuem sim, condições de praticar o futebol.

4.3 Múltiplos papéis sociais e empoderamento do futebol feminino

Segundo Sales (2018), há vários estudos que demonstram a importância da mulher na sociedade. Porém, seus papéis são considerados invisíveis sob a lógica da produção material e da reprodução social. E no caso da Amazônia, a invisibilidade dos papéis sociais femininos é quase um tabu. Os estudos de Costa (2001), e de tantas outras pesquisadoras demonstraram que no litoral paraense a mulher é indispensável à produção material e à reprodução socioeconômica, familiar e comunitária como um todo.

A análise das entrevistas permitiu identificar uma dupla jornada de trabalho para as mulheres, uma *no lar* e outra *extra-lar*, tais como esposa, mãe, dona de casa, agricultora, líder na comunidade e atleta de futebol. E mesmo no futebol assumem as funções de jogadoras, dirigente do time amador, árbitra e treinadora. Em casos específicos uma única mulher pode exercer todas essas funções. Esses múltiplos papéis são de fundamental importância social, afetiva e econômica para a comunidade.

No âmbito doméstico, elas realizam várias tarefas, entre as quais cuidar dos filhos; na agricultura, fazem plantios, tratos culturais e colheitas; e na comunidade exercem liderança como membro da diretoria e do time de futebol, atividades nas festividades religiosas atividades diárias que não eliminam seus papéis sociais no lar.

Em muitos casos, os papéis domésticos são vistos por elas como *naturais*. A maioria das entrevistadas consideram tais atividades sem importância ou mesmo *invisíveis* por aquelas que o exercem. Elas não veem tais atividades como um *trabalho*, mas como uma obrigação feminina.

Além dos múltiplos papéis que desempenham, as mulheres que praticam o futebol ainda enfrentam a rejeição social, como se o futebol fosse exclusividade masculina. Elas ouvem frases depreciativas como: “vai fazer comida pro teu marido, essa bola não dá futuro para vocês”. Essas afirmações representam a ideia predominante na comunidade de que mulher é “frágil” e só têm espaço na cozinha.

É preciso superar as concepções de naturalização dos papéis sociais domésticos e também de que o futebol é reservado ao público masculino e não ao feminino. Mas, para Salles et al. (2015), não se pode negar que o futebol feminino vem ganhando espaço na sociedade e derrubando estereótipos, a exemplo da mais importante jogadora de futebol feminino no Brasil, Marta, que já foi eleita a melhor do mundo por 6 vezes e é a maior goleadora da história da seleção de futebol do Brasil, entre as seleções feminina e masculina.

O futebol nesta comunidade é praticado por grande parte dos moradores, tanto homens quanto mulheres, embora em condições mais desfavoráveis à elas, sobretudo por não obterem resultados similares ao time masculino e pela falta de tempo para treinos devido os afazeres domésticos.

Para Franzini (2005), vive-se em uma sociedade patriarcal, na qual a mulher é vista como propriedade; e também elitista, que rejeita pessoas pela aparência física, origem rural e com poucas oportunidades econômicas.

“As Guerreiras”, em seus relatos dizem que sofrem com essas barreiras econômicas, principalmente quando os jogos são em outras comunidades. Dizem que quando têm que ir “pagar uma visita” em outra comunidade às dificuldades começam antes mesmo do jogo. A locomoção do time e a compra de materiais esportivos são restrições que elas enfrentam, uma vez que não contam com financiamento público e nem com o apoio da maioria dos maridos.

Com frequência ouvem comentários depreciativos por serem mulheres, ditos até pelo próprio time adversário. Em muitos desses amistosos, “As Guerreiras” saem vitoriosas, o que melhora consideravelmente sua autoestima e garante a continuidade do time.

Às vezes a gente faz até graça quando vai pros cantos. Quando chega lá, vê as outras meninas tudo arrumada e nós fica lá no canto, tudo “rupela”. Tipo assim.... Elas olham pra gente e dizem “a gente vai dar é uma pisa nessas molecas”, só porque a gente não tem muita coisa....

A exclusão gerada pela competitividade não se manifesta apenas quando o jogo é praticado entre as mulheres, ou seja, ela não é um problema somente de gênero. Gênero, idade, potencial econômico e oportunidades sociais são critérios, entre tantos, que produzem exclusão.

As relações de gênero se fundamentam nas condutas sociais e nas diferenças biológicas, geralmente transformadas em desigualdades que tornam a mulher vulnerável à exclusão social. Assim, para compreender a exclusão de gênero no futebol feminino é

necessário relacioná-la a outros aspectos da vida social e suas diferentes manifestações. Este processo se dá, em muitos casos, simultaneamente, pelas vias do esporte, trabalho, classe, cultura, etnia e diferenças geracionais, tornando-se difícil atribuí-la a um aspecto específico, uma vez que ela combina vários dos elementos da exclusão social (STAHLBERG, 2013).

É por isso que praticar o futebol é uma forma de lazer, melhora a autoestima e é um modo de realização pessoal para essas mulheres. O próprio nome do time reforça a sua identidade de pessoas que lutam e vencem com dificuldade. Como disse uma das jogadoras “...a gente quer mostrar que tem força e independência, que sabe chutar uma bola”. Outra argumenta que “não é pra gente dizer que somos melhor do que os homens, mas nós queremos participar do futebol”.

Neste contexto, o futebol representa a realização pessoal, um momento de empoderamento, lazer e uma maneira para usufruir de liberdade. Para “As Guerreiras” praticá-lo é um compromisso que segue regras sociais, cronograma de atividades e participação em eventos como torneios, campeonatos e amistosos; é uma forma de tornar público uma realização que é pessoal.

Ainda assim, há muito o que conquistar. A visibilidade e a profissionalização para mulheres no futebol ainda é algo distante, sobretudo devido às construções sociais que se tem do masculino e do feminino.

Para Salvini e Marchi Junior (2016), para que o futebol feminino ganhe espaço é necessário que ele seja consumido. Para que o consumo ocorra, é preciso existir algum tipo de oferta de produtos, de equipes, de campeonatos ou de incentivo. E, paralelo à oferta, deve haver também a demanda.

[...] para que seja criada uma demanda que venha a consumir essa modalidade, as jogadoras são incentivadas (pelos diretores, clubes e também patrocinadores) a se apresentarem de maneira mais próxima à normatividade do gênero feminino, dentro e fora dos gramados. Essa nova roupagem na apresentação das jogadoras se dá no sentido de desmistificar o estereótipo de jogadora de futebol que não cuida da aparência física para além das atribuições do esporte. (SALVINI E MARCHI JÚNIOR, 2016, p. 309).

Mesmo longe da profissionalização e com muitos afazeres no seu cotidiano, estes múltiplos papéis não são limitadores para que elas deixem de praticar o futebol, fazer o que gostam, o que lhes empodera. Ao contrário, isso as instiga a prosseguir e as motiva a persistir no futebol como prática libertadora e que as define socialmente.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentou uma análise sobre as formas de sociabilidade, as relações de gênero, os diferentes papéis sociais e o empoderamento feminino tendo como recorte o futebol praticado pelas “Guerreiras” na Comunidade de Trindade.

Com base na pesquisa notou-se que para o grupo estudado praticar o futebol é uma forma de lazer, melhora a autoestima e é um modo de realização pessoal, além de fortalecer os vínculos na comunidade. Além das questões de gênero, elas usam o futebol para disseminar a cultura, fortalecer sua identidade, como meio de sociabilidade e ferramenta de interação social.

Mesmo com dificuldade, elas possuem conquistas, seja no campo ou fora dele. Essas mulheres buscam paridade de gênero, visibilidade social, reconhecimento e espaço para que possam manter o livre arbítrio para praticar o futebol, estreitar seus vínculos sociais e superar suas dificuldades.

“As Guerreiras” são exemplo de perseverança e empoderamento, se inserindo em um contexto cercado de paradigmas negativos, tentam ter voz e lutam por direitos. Embora não existam recursos suficientes, não falta à elas força de vontade e resiliência para superar seus próprios limites.

REFERÊNCIAS

BOMBARDI, L. M. **O Bairro rural como identidade territorial: Especificidade da abordagem do campesinato na geografia.** São Paulo, n 01, jul/dez. 2004. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/revistaagraria>. Acessado em: 11 outubro, 2018.

COSTA, M. J. J. (Org). **Sociologia na Amazônia: debates teóricos e experiências da pesquisa.** Belém: Ufpa, 2001.

FRANZINI, F. **Futebol é “coisa para macho”?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol.** Revista Brasileira de História. São Paulo, vol. 25 n° 50, p. 315-328, julho/dezembro de 2005.

MARTINS, L. T. MORAES, L. **O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata.** São Paulo, 2007.

SALES, R. E. da S. **Múltiplos Papéis Exercidos pelas Mulheres na Praia do Crispim/Pará.** Anais do X Seminário Internacional de Desenvolvimento Rural Sustentável, Cooperativismo e Economia Solidária: artigos científicos & resumos expandidos. IFPA, Castanhal, 2018, pp. 1102-1112.

SALLES, J. G. C.; Silva, M.C.P.; Costa, M.M. **A mulher e o futebol: significados históricos.** In: VOTRE, S. (Coord.) A representação social da mulher na educação física e no esporte. Rio de Janeiro: Editora Central da UGF, 2015.

SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W. **“Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte: São Paulo, 2016 Abr-Jun; 30(2):303-11.

STAHLBERG, L. T. **Mulheres em Campo: Novas Reflexões a cerca do feminino no futebol.** São Carlos: UFSCar, 2013.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise de Discurso 84, 90, 224, 227, 239

Assédio 118, 119, 120, 121, 122, 183, 203

C

Cidadania 20, 36, 53, 54, 65, 126, 172, 187, 191, 193, 199, 226, 238, 272, 273, 274

Coeducação 62, 70, 71

Cultura 24, 96, 97, 99, 104, 105, 106, 108, 155, 213, 241, 272, 273, 277

Cultura Machista 96

D

Desigualdade 12, 16, 26, 63, 64, 110, 114, 116, 120, 134, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 151, 177, 178, 188, 194, 224, 226, 237, 238, 239, 271

Diferença Sexual 28, 31, 32, 62, 63, 66, 67, 68, 70, 71, 157, 190

E

Educação 35, 36, 38, 41, 53, 54, 55, 62, 68, 70, 71, 83, 94, 96, 97, 99, 100, 102, 104, 105, 106, 108, 109, 117, 155, 164, 187, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 212, 213, 226, 228, 240, 241, 252, 254, 263, 268, 272, 273, 274, 275, 276, 277

Educação Formal 111, 132, 140, 142

Ensino de Língua Portuguesa 84, 85

Estereótipos 16, 39, 41, 44, 62, 63, 68, 69, 71, 80, 84, 85, 91, 162, 202, 218, 249, 250, 265, 276

F

Feminismo 24, 25, 26, 27, 28, 31, 35, 66, 82, 83, 123, 131, 154, 164, 165, 167, 168, 169, 172, 184, 186, 202, 212, 214, 216, 218, 220, 221, 222, 223, 270

Formação de Motoristas 36

G

Gerencialismo Neoliberal 123

Gestão Educacional 96

I

Identidade de Gênero 29, 70, 84, 91, 192, 193, 195, 197, 209, 210, 212

Identidade Feminina 24, 25, 27, 28, 30, 34, 87, 147, 210

Identidades 25, 27, 29, 30, 31, 32, 34, 55, 61, 63, 84, 85, 93, 110, 111, 112, 132, 157, 196, 197, 201, 202, 207, 216, 221, 228, 233, 237, 268, 270, 271, 274, 275, 276

Imagem 40, 43, 56, 57, 58, 59, 61, 98, 133, 161, 162, 211, 226, 245, 273

Isolamento 12, 13, 16, 17, 18, 21, 23, 118

M

Masculinidades 36, 39, 55, 89

Medicalização 73, 76, 77, 78, 79, 80, 83

Moral 5, 10, 15, 53, 60, 99, 118, 119, 120, 121, 137, 143, 146, 147, 157

Mulher 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 42, 43, 44, 49, 51, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 91, 92, 96, 98, 108, 110, 111, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 136, 137, 138, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 159, 167, 168, 169, 170, 172, 178, 181, 183, 184, 187, 190, 194, 195, 203, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 221, 225, 226, 227, 228, 230, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 241, 243, 247, 248, 249, 250, 252, 259, 260, 261, 266, 273, 274, 275, 276

Mulheres 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 39, 40, 44, 49, 51, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 190, 191, 192, 193, 194, 197, 201, 202, 203, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 259, 260, 264, 265, 266, 267, 268, 270, 271, 273

P

Papéis de Gênero 36, 51, 54, 194

Patriarcalismo 26, 118, 119, 120, 121, 203, 212

Pin-Up 56, 57, 59, 60, 61

Políticas Públicas 115, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 136, 166, 183, 190, 192, 194, 195, 221, 236, 240

Práticas Escolares 96, 102, 274

Q

Quebradeira de Coco Babaçu 110, 112, 117

S

Saúde da Mulher 73, 74, 80, 82, 113, 134, 142, 145, 149, 150, 152

Século XX 108

Sexualidade 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 54, 57, 58, 60, 61, 63, 66, 70, 71, 77, 79, 82, 83, 94, 95, 132, 143, 155, 156, 159, 163, 164, 169, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 212, 213, 216, 243, 244, 248, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277

T

Trabalhista 118, 203

Trânsito 36, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 159, 214, 218, 219, 220, 221

V

Violências 13, 15, 110, 113, 143, 198, 268, 269, 270, 271

RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 